

Documentação
CENTRAL
JB
1/11/98 Pg 10
Clas. 181

Luzes na floresta



Claudia fotografou o cotidiano e a individualidade dos ianomâmis

Claudia Andujar revela, em exposição na Bienal e em livro, sua vivência com os ianomâmis “consumidos pelo progresso” na Amazônia

CRISTIAN KLEIN

Claudia Andujar é artista de um tema só: os índios ianomâmis, fotografados num preto & branco que diz muito mais do que já é. Uma beleza triste, escondida, de seres revelados quando alguma luz penetra na densa floresta Amazônica. Em alguma parte remota entre o Brasil e a Venezuela. Não tão distante, porém, da mira de garimpeiros, como no massacre de 1993, que deixou 16 no chão. “O pior não foi isso, mas a doença que estes garimpeiros trouxeram. No fim dos anos 80, 20% da população ianomâmi morreu de malária”, conta Claudia Andujar, que lançou quinta-feira o livro *Yanomami*, com 85 fotografias. São instantes selecionadíssimos entre milhares, tirados na década de 70, quando Claudia morou numa aldeia por 14 meses, num período de cinco anos de contato permanente com os índios.

Yanomami foi lançado na Bienal de São Paulo, onde Claudia Andujar participa com uma exposição de 22 fotografias dentro da seção arte contemporânea brasileira. É um trabalho diretamente relacionado ao tema da mostra: a antropofagia. “Estas fotos falam da maneira como eles estão sendo consumidos pelo progresso”, diz Claudia, 67 anos. Este canibalismo cultural pode ser visto numa espécie de labirinto, formado por três paredes circulares, uma dentro da outra. Na primeira, aparecem apenas

fotos da paisagem amazônica e de ianomâmis no seu dia-a-dia. Ao entrar na outra camada, no segundo círculo, o visitante vê o retrato de cada índio em particular, individualizado. Passando ao terceiro painel, vê-se, finalmente, as imagens de ianomâmis doentes e de uma índia imitando a prostituição das brancas, sem sobrancelhas de rosto pintado com ruge e batom.

Se nesta obra da Bienal Claudia quis fazer uma síntese, no livro ela abre espaço para contar uma história ilustrada dos ianomâmis. Retrata três mundos: a casa, a floresta e o invisível (no qual lança mão de efeitos fotográficos para dar conta da dimensão espiritual e mitológica dos índios). Entrar neste universo tão diferente da sua infância foi uma forma de Claudia sublimar as perdas que sofreu na 2ª Guerra Mundial. Em apenas um mês, no ano de 1944, seus parentes por parte de pai, inclusive ele, todos judeus, foram tirados da Hungria e levados para campos de concentração na Polônia (Auschwitz). Refugiada na Suíça com a mãe, Claudia ficaria sabendo da morte dos parentes, poucos meses mais tarde, por meio de uma notificação da Cruz Vermelha.

“Quando encontrei os ianomâmis, achei algo de mais sincero e espontâneo no ser humano”, conta a fotógrafa. Depois de dois anos no suposto território neutro suíço, Claudia, aos 16 anos, aceita-



São 22 fotos expostas, boa parte retratos, selecionadas entre milhares

va convite de um tio para morar nos Estados Unidos. Passou cinco anos, não conseguiu se adaptar e veio para o Brasil, onde já estava sua mãe. Era o fim da década de 50. Aqui, interessada em descobrir o país, partiu para uma viagem que a conduziu a uma aldeia de índios carajás, entre Mato Grosso e Goiás, sob sugestão do antropólogo Darcy Ribeiro. Claudia, que levava uma máquina fotográfica na bagagem, conseguiu despertar o interesse da revista americana *Life*, que resolveu comprar e publicar suas fotos.

“Depois desse primeiro sucesso jornalístico, involuntário, decidi pegar a fotografia como profissão”, diz. Somente anos mais tarde, porém, em 1971, é que Claudia conheceria os índios ianomâmis, quando participava, com três fotógrafos, mais repórteres e pesquisadores, de uma grande matéria, para uma edição especial da revista *Realidade*. Durante três meses, viajou por várias regiões da Amazônia. Numa destas expedições jornalísticas, precisou ir até Roraima, fazer um perfil dos ianomâmis, índios que naquela época haviam feito pouquíssimos contatos com os brancos.

Em poucos anos, a situação mudaria bastante. Atraída pelos ianomâmis, Claudia visitou aldeias várias vezes entre 1972 e 1976, sendo que no período mais longo, chegou a passar 14 meses na floresta. É dessa época que seu simples interesse em

registrar a vida dos índios, ao mesmo tempo em que buscava encontrar sua própria identidade, se transformou numa militância pela defesa dos ianomâmis. “Enquanto eu estava lá, muitos índios morreram vítimas de uma epidemia de malária trazida pelos garimpeiros. Eles aproveitaram a Rodovia Perimetral, um projeto que ligaria o Atlântico ao Pacífico, e fizeram uma verdadeira invasão. De três em três minutos um avião descia na rodovia”, conta.

A partir daí, Claudia decidiu montar uma organização não-governamental (ONG) chamada Comissão pela Criação do Parque Yanomami (CCPY). Fundada em 1978, somente 14 anos mais tarde, em 1992, a ONG alcançou seu objetivo, o de demarcar uma área contínua de 94 mil quilômetros quadrados para os 9.500 ianomâmis que ainda restam. “Mas estes limites não estão sendo respeitados. Algumas centenas de garimpeiros ainda estão na região”, denuncia a artista. Depois da demarcação do parque, a ONG, que passou a se chamar Comissão Pró Yanomami (CPY), realiza projetos de saúde e educação. “Fizemos uma gramática ianomâmi e estamos começando a alfabetizar os índios, para que eles também tenham uma língua escrita. É tão complicada quanto o português. Só perde para o húngaro”, brinca Claudia com o idioma materno.